

## O fumo passivo e a indústria do tabaco

A questão do fumo passivo é uma das mais críticas enfrentadas hoje em dia pelas empresas fumageiras. O crescimento dos conhecimentos do público sobre os efeitos do fumo passivo na saúde está ameaçando a rentabilidade futura daquelas empresas e chamando-as à responsabilidade pelos danos causados pelos produtos do tabaco não somente aos fumantes como também às pessoas que ficam expostas ao fumo passivo.

O problema do fumo passivo foi reconhecido pela indústria do tabaco já na década de 1970, bem antes que a questão fosse anotada na agenda pública da maioria dos países. “O que o fumante faz a si mesmo pode ser só da sua conta, mas o que ele faz ao não fumante é outra coisa muito diferente – assinalou a Organização Roper em 1978, num estudo realizado sob sigilo para o Instituto do Tabaco dos Estados Unidos. – Vemos nisso o mais perigoso elemento conhecido para a viabilidade da indústria tabageira. (...) **O antídoto estratégico de longo prazo à questão do fumo passivo é, no nosso entender, o desenvolvimento e a ampla divulgação de indícios médicos claros e dignos de crédito de que o fumo passivo não é prejudicial à saúde dos não fumantes.**”<sup>1</sup>

As medidas para proteger o público contra os perigos do fumo passivo afetam o balanço financeiro das empresas fumageiras tanto direta como indiretamente. As restrições ao uso do fumo, especialmente no lugar de trabalho, reduzem o seu consumo e ajudam alguns fumantes a deixar de fumar por completo. A difusão dos conhecimentos sobre os danos causados à saúde pelo fumo “por tabela” ajuda também a convencer o público da necessidade de políticas efetivas de controle do tabaco. A questão está bem resumida na proposta de uma nova carta de “direitos dos fumantes” apresentada por um grupo nos Estados Unidos em 1993:

“O impacto financeiro da proibição do fumo será tremendo. A redução do consumo em três a cinco cigarros por dia reduzirá em mais de um bilhão de dólares por ano os lucros anuais dos fabricantes.”<sup>2</sup>

As empresas tabageiras têm à sua disposição enormes recursos – humanos, financeiros e políticos – para fazer oposição a políticas que protegem o público contra o fumo passivo. Aqui estão algumas das suas técnicas:

### **distrativismo e diversionismo**

As empresas fumageiras desviam a atenção do público da questão do fumo passivo, dando ênfase aos perigos de outros poluentes, tais como as emanação de cola de tapetes e o escapamento dos automóveis. Em certos casos, tem sido usada uma discussão mais ampla da qualidade do ar e da ventilação em recintos fechados, bem como da “Síndrome do Edifício Doentio” (SED), para sufocar as preocupações com o fumo de segunda mão. Segundo uma publicação da Phillip Morris para a Europa, de 1990, a série de poluentes encontrados nos escritórios e causadores de SED compreendem as emanações e gases emitidos por carpetes, telas de computadoras, fotocopiadoras, etc., sendo o problema agravado por bactérias, fungos e pós do

<sup>1</sup> Roper Organization, *A Study of Public Attitudes toward Cigarette Smoking and the Tobacco Industry in 1978*, Vol. 1. Disponível em vários sites da Internet, inclusive o de documentos da Phillip Morris (<http://www.pndocs.com>), por exemplo nos documentos 20404999960-500264. Citado em 2040499989.

<sup>2</sup> “A Smokers’ Alliance,” 1 julho 1993; em [www.pndocs.com](http://www.pndocs.com), documentos 2025771934-995. Citações em 2025771937.



equipamento de ventilação.<sup>3</sup> Chegou-se mesmo a argumentar que a fumaça do tabaco pode ser útil como indicador visual de pontos de má ventilação num edifício.

A indústria do tabaco fez vultosos investimentos em pesquisas sobre problemas de qualidade do ar. Foram canalizados recursos substanciais para pesquisadores externos, por intermédio de organizações científicas e companhias que se concentram em pesquisas sobre o ar em recintos fechados, visando apresentá-los como independentes e objetivos, embora fossem de fato controlados por consultores da indústria.<sup>4</sup>

## **ataques à ciência**

As empresas tabageiras têm desfechado vigorosos ataques à ciência no tocante aos efeitos da exposição passiva à fumaça do tabaco, mediante bem montadas campanhas de relações públicas e desinformação. Os ataques à ciência têm um âmbito muito amplo. Têm sido gastos milhões em falsos estudos e conferências, no pagamento de prepostos remunerados para escrever artigos para os veículos de mídia, na subvenção de pesquisas “dirigidas” e na criação de grupos de terceiros para apoiar publicamente as suas posições. Essas atividades são coordenadas e se apóiam umas às outras.

As companhias fumageiras também têm-se empenhado sistematicamente em desacreditar as constatações de importantes autoridades em saúde e meio ambiente na questão do fumo passivo. Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) começou a chamar atenção ativamente para os perigos do fumo de segunda mão, as empresas lançaram uma grande campanha para solapar a instituição. Isso envolveu uma campanha sustentada que a OMS documentou amplamente num recente inquérito, “Tobacco Industry Strategies to Undermine Tobacco Control Activities at the World Health Organization”.<sup>5</sup> No empenho de desacreditar um relatório da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, o Instituto do Tabaco e seus advogados pagaram mais de US\$165.000 a 13 cientistas para escrever a publicações influentes cartas criticando o relatório.<sup>6</sup>

“É necessário que grupos de cientistas tenham condições para realizar pesquisas e estimular a controvérsia, de tal forma que as pessoas envolvidas em assuntos públicos nos países relevantes possam fazer uso da informação ou comercializá-la”, declarou um executivo do BAT em 1988.<sup>7</sup> A meta final era não provar que o fumo passivo é inócuo – tarefa que seria impossível – mas manter viva a “controvérsia” enquanto fosse possível.

## **proposta de falsas soluções**

As empresas tabageiras estimulam a “tolerância” entre fumantes e não fumantes e alegam que o fumo passivo é simplesmente um aborrecimento, e não um problema de saúde pública. Pelo argumento das campanhas pela “cortesia da escolha”, patrocinada pelas empresas fumageiras em certos bares e restaurantes, as substâncias carcinogênicas têm um efeito menor quando a exposição ocorre num ambiente cortês. São também propostas soluções técnicas, como melhores sistemas de ventilação, filtros de ar ou separação espacial. Embora tudo indique que a ventilação não constitui uma solução efetiva, os fabricantes de cigarros continuam apoiando essa opção, visando evitar restrições ao uso do fumo.

<sup>3</sup> Phillip Morris EEC, *Smoking in the Workplace*, disponível em [www.pmdocs.com](http://www.pmdocs.com) sob os números 2501348521-536.

<sup>4</sup> “Who’s behind the building doctor?”, por Myron Levin, *The Nation*, 9/16 Agosto 1993.

<sup>5</sup> Ver <http://www.who.int/genevahearings/inquiry.html>.

<sup>6</sup> Hanners, D. *Scientists were paid to write letters: tobacco industry sought to discredit EPA report*, Pioneer Planet, agosto 1998.

<sup>7</sup> Memorando de Sharon Boyse, “Note on a special meeting of the UK Industry on Environmental Tobacco Smoke, London,” 17 fevereiro 1988. Em [www.pmdocs.com](http://www.pmdocs.com) em 2063791182-187.

